



**GRAÇAS DO
PADRE CRUZ SJ**

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que desceste do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.



Índice :

ANO NOVO - VIDA NOVA	pág. 3
<i>O Santo Padre Cruz</i>	pág. 4
Testemunhos de amor ao próximo	pág. 7
Padre Cruz - O Apóstolo dos Transviados	pág. 10
Os Santos do nosso Tempo	pág. 14
Os Santos: exemplos de vida cristã	pág. 16
A Igreja somos todos nós	pág. 19
Deram Esmola e agradecem Graças	pág. 25
Campanha de Missas	pág. 32



ANO NOVO – VIDA NOVA

O Verbo de Deus nasceu segundo a carne uma vez por todas. Mas pela sua bondade e amor para com os homens, deseja nascer sempre segundo o espírito para aqueles que o procuram, e faz-Se Menino que se vai formando neles à medida que crescem as suas virtudes. Ele manifesta-se em proporção com a capacidade de cada um, capacidade que Ele conhece perfeitamente. E se não se comunica com toda a Sua dignidade e grandeza, não é porque não o deseje, mas porque conhece as limitações das faculdades recetivas de cada um. Assim, o Verbo de Deus revela-se sempre a nós do modo que nos convém, e contudo ninguém pode conhecê-lo perfeitamente, por causa da grandeza do mistério (...) A Encarnação divina é um grande mistério, e nunca deixará de ser mistério! Como pode o Verbo que está em pessoa e essencialmente na carne, existir ao mesmo tempo em pessoa e essencialmente no Pai? Como pode o Verbo, totalmente Deus por natureza, fazer-se totalmente homem por natureza, sem detrimento algum da natureza divina, segundo a qual é Deus, nem da nossa, segundo a qual se fez homem? Só a fé pode apreender estes mistérios, a fé que é precisamente a substância e o fundamento das realidades que ultrapassam toda a percepção e raciocínio da mente humana.

(S. Maximino Confessor)

Deus fez-se homem, para que o homem se tornasse Deus. Para que o homem comesse o pão dos Anjos, o Senhor fez-se homem (...) Fez-Se homem, portanto, Aquele que tinha feito o homem, para que fosse encontrado o que tinha perecido. Assim confessa o homem nos Salmos: “Antes de ser humilhado, pequei”. Pecou o homem e tornou-se réu; nasceu o homem Deus, para que fosse libertado o réu. Caiu o homem, mas Deus desceu. Caiu o homem miseravelmente; desceu Deus misericordiosamente. Caiu o homem pela sua soberba; desceu Deus com a sua graça. Que maravilhas, que prodígios, meus irmãos! Mudam-se as leis da natureza no homem: nasce Deus; uma Virgem concebe sem intervenção humana; por uma decisão de Deus torna-se Mãe aquela que não conhece varão. Ela é ao mesmo tempo Mãe e Virgem; Mãe sem perder a sua integridade; Virgem que tem um filho sem conhecer varão; sempre Virgem, mas não infecunda. Nasceu o Único que é sem pecado, Aquele cuja virginal geração se deve não à concupiscência da carne mas à obediência do espírito.

(S. Agostinho, Sermões)





O SANTO PADRE CRUZ

O Padre Cruz já está muito velhinho. Mas a sua velhice não é ainda a “ruína” doutros anciãos da sua idade. No seu corpo decrépito arde a chama imortal da vida divina. É já uma “sombra velhinha”: mas a essa sombra descansam novos, mais fatigados e envelhecidos de alma do que ele.

A boca está descolorida e murcha, mas continua a sorrir. O coração já lhe bate desconcertado, mas o amor continua a ser para ele “grande e imensa ocupação”.



Viveu, envelheceu, sem mudança na vida: sempre de joelhos a rezar, sempre de mãos abertas a dar. Sempre pelos caminhos... Há quantos anos?! Sempre pelas cadeias e hospitais... Há quantos anos?

Já o Senhor levou quase todos os que o viram começar; e, os que vieram depois, acham natural que ele continue na vida que sempre lhe viram fazer...

Para o Padre Cruz viver foi dar-se pela salvação e pela glória de Deus. Por isto mesmo, quando velho e doente, o seu apostolado não paralisou.

Recebia, no quarto, algumas pessoas e escrevia a muitas. Há tantos meios de salvar almas! E o Padre Cruz conhecia-os bem.

“... fazer todo o bem que posso e devo com pura intenção e o que não posso fazer, ter desejo e pena de não poder...”

Podia rezar, podia sofrer. E rezava dia e noite por aqueles que trabalhavam na vinha do Senhor. E, sem se queixar da velhice nem da doença, dizia: “Dou muitas graças a Deus por ter chegado a esta idade de 89 anos, sendo bastante doente desde há muito anos, e peço a tão Bom Senhor a graça de, no resto da minha vida, O amar sempre e fazer amar de muitas almas. Seja esta sempre a minha vontade: Coração de Jesus fazei que eu Vos ame e Vos faça amar”.

Se o fim da sua vida preocupava os seus muitos amigos, este assunto a ele deixava-o tranquilo: “Bendito seja o nosso Bom Deus e sempre em tudo seja feita a sua santíssima vontade”.



Mas a morte aproximava-se, pacificamente, e veio a 1 de Outubro de 1948. Teria o Padre Cruz pressentido o seu fim? Tal não parece, pois ele não estava preocupado com este momento. A morte do pecado foi a que ele sempre mais temeu, porque seria a separação definitiva da comunhão com Cristo. Por isto mesmo rezava, todos os dias: “Maria Santíssima, pedi a Deus Pai de quem sois filha, a Deus Filho de quem sois mãe, ao Divino Espírito Santo de quem sois esposa, o perdão dos meus pecados, vós que sois a Mãe de misericórdia, e no resto da minha vida ter uma fé viva, esperança firme e caridade ardente e graça para comunicar estas virtudes a muitas almas e evitar todo o pecado mesmo venial deliberado, resistir prontamente a todas as tentações, fazer todo o bem que posso e devo com pura intenção e o que não posso fazer, ter desejo e pena de não poder, e levar todos os meus trabalhos e sofrimentos com inteira submissão à vontade de Deus e procurar adiantar no caminho da perfeição”.

Escreveu Santo Agostinho: todos os homens temem a morte do corpo e só poucos temem a morte da alma. O Padre Cruz está entre estes poucos.

O Padre Cruz sentia-se radicalmente livre e salvo por Cristo, porque Ele o libertara do pecado e da sua consequência: a morte. Esta libertação não era a morte biológica, pois Cristo também morreu, mas a libertação da escravidão opressora da morte, do medo à mesma, do sem sentido e absurdo de uma vida inútil que acaba no nada.

À Luz da ressurreição de Cristo, o Padre Cruz sabia, há muito tempo, que a morte física, inevitável apesar dos adiantos da medicina e da aspiração do homem à imortalidade, que ela não era o fim do caminho, mas sim a porta que lhe franqueava a libertação definitiva com Cristo ressuscitado. Graças a esta fé o Padre Cruz, hoje, é um ser para a vida.

Texto Extraído do site da Causa de Canonização do Padre Cruz:
(www.padrecruz.org)



Testemunhos de Amor ao Próximo



Por si só, o ato de dar é muito importante, mas insuficiente. É necessário fazê-lo de coração aberto. Para exemplificar, escolhemos entre muitos o testemunho do Padre Cruz, pela sua proximidade com o povo e Fátima.

Este sacerdote, de nome Francisco Rodrigues da Cruz, nasceu em Alcochete (Setúbal) e morreu em Lisboa, em 1948. Teve uma vida longa (88 anos), mas cheia de intensa piedade e amor ao próximo, sobretudo para com aqueles que mais necessitavam. Quando traçou o seu programa de apostolado em 1925, dirigiu uma carta a António Mendes Belo, cardeal patriarca de Lisboa, na data, afirmando: “Há muitos anos que eu me sinto atraído, talvez por especial vocação da misericórdia de Deus Nosso Senhor, para ajudar espiritualmente os presos da cadeia, os doentes dos hospitais, os pobrezinhos e abandonados, e tantos pecadores e almas desamparadas que Nosso Senhor me envia ou põe no meu caminho”. A sua vida foi



o testemunho da palavra dada, cumpriu escrupulosamente com amor o caminho que traçou.

Dos relatos da sua vida que são conhecidos publicamente não constam, pelo menos não é do nosso conhecimento, um episódio que nos foi narrado por um familiar muito próximo (cujo testemunho aceitamos como verdadeiro) que o conheceu e serviu pessoalmente, enquanto sacristão de uma Igreja e depois de uma capela. O padre Cruz usava habitualmente uma batina preta. Um dia, quando esse familiar meu o ajudava a paramentar-se para celebrar a Santa Missa, notou que o sacerdote pouco mais tinha que a veste exterior. Ficou surpreso, mas não fez qualquer pergunta (por vergonha, disse). Mais tarde teve conhecimento de que o padre Cruz dava a sua própria roupa interior aos pobres que não tinham e por vezes ficava apenas com a sotaina, como ele havia constatado. Este acontecimento sucedeu em Lisboa, não posso precisar em que data, mas creio que na década de 1930/40.

Por outro lado e no que respeita à sua ligação a Fátima, de acordo com a Segunda Memória (1937), a Irmã Lúcia escreveu que a sua primeira comunhão foi aos seis anos, isto é, em 1913, por ter sido considerada preparada pelo Padre Francisco da Cruz, nessa ocasião a confessar na igreja paroquial de Fátima (6ª edição, 1990, página 54). Ou seja, ele também se deslocava para outras Igrejas do país para ajudar os párocos, sobretudo em missões e tríduos. Recordamos ainda que a Jacinta escolheu, entre a ladainha de jaculatórias que o padre Cruz lhes sugeriu (aos pastorinhos) a de “Doce Coração de Maria, sede a minha salvação”. Esta, às vezes, depois de a dizer, acrescentava, com aquela simplicidade que lhe era natural: “Gosto tanto do Coração Imaculado de Maria! É o Coração da nossa Mãezinha do Céu! Tu não gostas tanto de dizer muitas vezes; Doce Coração de Maria, Imaculado Coração de Maria?! Eu gosto tanto, tanto”, dizia Jacinta.



O padre Cruz conviveu com dois regimes políticos diferentes: a monarquia e o republicanismo, mas manteve sempre um distanciamento do poder, nunca deixou de usar a sotaina, apesar de ter passado por tempos conturbados e ser olhado com desconfiança pelas autoridades. A sua preocupação e enlevo eram a fé (era um adorador do Santíssimo Sacramento) e os mais desprotegidos. Em Lisboa desenvolveu a sua ação especialmente nas ruas da cidade, nas cadeias e nos hospitais, para além das igrejas. Toda a sua vida foi um serviço de amor a Deus, servindo os homens. Num tempo crítico para a Igreja de Portugal, num tempo de perturbação da ordem e da negação de tantos valores, ele exerceu em permanência a sua ação apostólica. São exemplos como este que nos devem nortear e que constituem o princípio basilar da solidariedade e amor cristão para com aqueles que nos rodeiam.

Eduardo Santos: 01/04/2012

A maior doença da actualidade não é a lepra ou a tuberculose, mas o sentimento de se ser indesejado, desamado e abandonado por todos.

O maior pecado é a ausência de amor e de caridade, a terrível indiferença para com o próximo que, na berma da estrada, está exposto à exploração, à corrupção, à indigência, à doença.

(Madre Teresa de Calcutá)



PADRE CRUZ O APÓSTOLO DOS TRANSVIADOS



Foi preciso algum tempo para que os acontecimentos da Serra d’Aire pudessem ser conhecidos pela Igreja. A mensagem da Virgem teve de ser posta em ação, para depois poder dar os seus frutos.

Com o Evangelho da consolação de Fátima, uma literatura anticlerical exercia as suas influências. Havia alguns anos que certos escritores espalhavam uma semente de descrença, que medrava junto do trigo. Os primeiros anos depois da revolução de 1910, e mesmo anteriormente, representaram uma renovação literária, como já não se fazia sentir desde o tempo de Camões. Estes homens de letras não eram poetas apolíticos que, como Balzac, vivessem em águas furtadas, encerrados no mundo da sua fantasia. Pelo contrário, pareciam-se mais com Voltaire, que fazia dos livros um púlpito de ataque à tradição. Estas obras, admiravelmente escritas e lidas por todas as classes, prejudicaram a Igreja durante muitos anos.

A descrença não só contaminou as cidades, como também as vastas regiões do país, especialmente o Sul, onde as populações se encontravam já muito afastadas da Igreja. As províncias do Alentejo e Ribatejo foram as mais atingidas por esta onda do neopaganismo.



O Padre Cruz trazia agora para este deserto de crendice e de confusão dos espíritos a luz do verdadeiro Cristianismo. Embora levando uma vida dura e miserável, os camponeses mantinham-se fiéis a Nossa Senhora, mesmo quando a influência dos padres era nula, quando lhes chamavam intrujões e cúmplices dos opressores ricos. Sacrificavam-se de boa vontade contribuindo para as festas em honra da Santíssima Virgem. O Padre Cruz encontrava nas suas viagens de apostolado muitas vezes estranhos precursores: os antigos presos do Limoeiro. As únicas palavras de consolação que lá ouviram vieram da boca do bom sacerdote que era o único advogado que tomava conta dos seus casos, que os defendia no tribunal, e que intercedia junto dos juizes a favor deles. Compreende-se que estes homens, uma vez em liberdade, lhe ficassem agradecidos. Quando ele visitava qualquer paróquia, estes amigos, antigos reclusos, aconselhavam os homens da aldeia a escutarem-no.

O Padre Cruz era encarregado de preparar, por meio de prédicas, as visitas pastorais do Patriarcado.

Na linguagem simples do povo, sabia explicar as verdades eternas. O objetivo das suas palavras era uma boa confissão e uma reconciliação com os inimigos. Procurava regularizar os casamentos e batizar as crianças, os homens e as mulheres que viviam sem Deus. Nunca esquecia a oração nestas visitas. Para onde quer que fosse, mantinha um diálogo secreto com o Divino Mestre. Gostava de consolar os doentes e, se havia uma prisão no lugar que visitava, assim que chegava, para lá se dirigia.

Seria falso acreditar que uma só visita ou algumas práticas chegassem para afastar o pecado. A graça chama, mas não se impõe a ninguém. Uma visita do Padre Cruz dava às paróquias a consciência da fé, fortalecia os bons, sacudia os pecadores, e preparava o ambiente para a compreensão da mensagem de Fátima. O seu apostolado junto do povo constituiu um renascimento da fé em Portugal. O Padre Cruz não trouxe ideias novas, nem tão-pouco possuía dons oratórios, como muitos pregadores.



A sua ação era silenciosa e secreta. Era sobretudo no confessional que se fazia sentir o seu poder. Parecia dotado, como o Santo Cura d’Ars, duma força profética para comover e modificar as almas. Embora estivesse a confessar durante dias, e absolvesse incansavelmente longas filas de pecadores, a sua atividade nunca degenerou em rotina. Nunca se precipitava e com uma apreensão notável compreendia depressa a parte essencial duma confissão, sabendo aconselhar os casos mais complexos.

Depois de absolver as mulheres durante o dia, vinham os homens ao escurecer. Os camponeses endurecidos do Alentejo, que anteriormente nada queriam saber de padres, ajoelhavam a seus pés. A maioria desconhecia o ato de contrição. Muitas vezes, estes homens afastados da Igreja tinham uma opinião formada acerca de si mesmos. Consideravam-se honestos e sem pecados, porque não tinham matado, nem roubado, nem feito mal a ninguém. O Padre Cruz sabia, em tais casos, ajudar a fazer um exame de consciência, sem magoar os ignorantes.

Fazia-lhes tranquilamente uma explicação da fé, da moral, dos mandamentos e ajudava-os de uma maneira tão simples, que todos ficavam cativados. Muitas vezes a dor pelos pecados espelhava-se tão vivamente nos seus olhos, que os penitentes ficavam comovidos.

Quando, a altas horas da noite, o sacristão fechava a igreja, e o Padre Cruz ceava no presbitério ou em casa de amigos, era frequente baterem à porta e pedirem para lhe falar. Estas naturezas nicodémicas que evitavam os templos durante o dia, nem ousavam visitá-los de noite. Tratava-se de homens de círculos intelectuais e políticos, que se gabavam junto dos seus colegas de ter renunciado desde há muito «a acreditarem nos padres». Frases como a «fábula de Cristo», a «lenda de Deus» ninguém as pronunciava na sua presença. O Padre Cruz não perdia tempo com esses intelectuais, discutindo sobre as provas da existência de Deus. Passava imediatamente ao essencial, a confissão, como outrora o Santo Cura d’Ars. *(Dr. Ervino Hemle S.A.C.)*

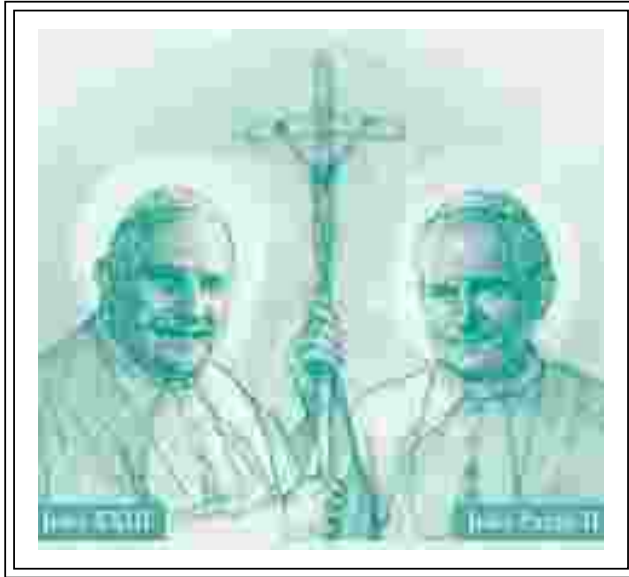


Não presumamos de modo nenhum que vivemos retamente e sem pecado. Será louvável a nossa vida, se não esquecermos a necessidade de pedir perdão. Mas os homens sem esperança, quanto menos preocupados estão com os seus pecados, tanto mais curiosos são sobre os pecados alheios. Não procuram corrigir mas criticar. E como não podem escusar-se a si mesmos, estão sempre prontos para acusar os outros. Não é isso que nos ensina o salmista, quando orava e queria dar uma satisfação a Deus, dizendo: “Eu reconheço a minha culpa, e o meu pecado está sempre diante de mim”. O que assim ora não atende aos pecados alheios, mas examina-se a si mesmo; e não se vê só exteriormente, mas entra em si e desce ao mais profundo de si próprio. Não se perdoa a si mesmo, e por isso ousa confiadamente pedir perdão (...)

Sintamos desgosto de nós mesmos quando pecamos, porque os pecados causam desgosto a Deus. E já que somos pecadores, sejamos semelhantes a Deus ao menos nisto, desgostando-nos com o que desgosta a Deus. (S. Agostinho, Sermões)

Onde poderá a nossa fraqueza encontrar um descanso seguro e tranquilo, senão nas chagas do Salvador? Nelas habito com segurança, porque sei que Ele pode salvar-me (...) Para mim, o que me falta vou buscá-lo confiadamente ao coração do Senhor, porque é imensa a sua misericórdia, e estão abertos os canais que derramam as suas graças (...) O meu mérito está na misericórdia do Senhor. Nunca serei pobre de méritos enquanto Ele for rico de misericórdia. (S. Bernardo, Sermões)





Os Santos de nosso Tempo

“...É assim a geração dos que procuram o Senhor”. Sl 24,6

Dia primeiro de novembro os católicos celebram o dia de Todos os Santos. A Igreja é a assembleia dos santos. Batizados no Senhor formamos o seu corpo e recebemos sua graça e santidade. Somos os santos da Igreja, a que ainda está aqui, aquela que está se purificando no purgatório e aquela que já teve suas vestes lavadas pelo Sangue do Cordeiro. Temos em comunhão a mesma fé, esperança e caridade e comungamos destes bens espirituais e materiais.

Mas este dia é especialmente dedicado aos inúmeros santos que não estão em nossos altares, mas estão no Céu. Existe muita santidade aos olhos misericordiosos de Deus. Para nós, ao contrário, nossos pecados ofuscam as virtudes alheias e ficamos quase cegos diante da bondade dos outros. Mas o céu está povoado de santos.



Embora esta data esteja meio esquecida em nossos calendários e agendas, o seu significado está a desafiar muitos fiéis. Existem Movimentos de Apostolado Leigo que tem metas claras para caminhar em busca de santidade em sua vida pessoal, em sua família e seu trabalho... Os jovens têm feito enormes esforços e renúncias para seguir Cristo. Em nossas comunidades tem surgido eventos juvenis como a Festa da Luz e Holy Wins que expressam esta busca.

Com o secularismo perdemos também o costume de santificar o Dia do Senhor e os dias de preceito religioso. Estes dias hoje são vividos como momentos de lazer e feriados. Certamente não santificamos o Domingo ao redor da churrasqueira enchendo a cara de caipirinhas e depois ir ao estádio de futebol e ofender a mãe do Juiz e chamar os adversários de macaco. É dia reservado para Deus e assim a família cristã deve gozar este tempo. Existem os profissionais que servem a sociedade nestes dias. Como nos hospitais, no transporte e na alimentação, o que é perfeitamente aceitável e até louvável, pois precisamos destes serviços e destes profissionais abnegados.

A santidade é uma busca humana confirmada com a graça divina. Sabemos que a Salvação nos é dada pelo sacrificio amoroso de Cristo Redentor na Santa Cruz. Porém a santidade é um desafio, uma inquietação espiritual. Temos os modelos de Madre Teresa de Calcutá e de João Paulo II. Cristãos de nosso tempo, que nos ensinaram o caminho da perseverança, na fé, na paciência, na dor e no sofrimento.

No Sermão da Montanha Nosso Senhor nos anima com as bem-aventuranças. Bem-Aventurados os que choram, os mansos, os que tem fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros, os que promovem a paz, os perseguidos... porque deles é o Reino dos Céus. Bem-Aventurados-Felizes-Santos!

Todos os Santos e Santas de Deus, rogai por nós. Amém.

Padre Luís Inácio Flach



Os Santos:

Exemplos de vida cristã

1. O testemunho dos santos

Novembro inicia-se, para os católicos, com a Solenidade de Todos os Santos — e para todos, entre nós, com um feriado civil por motivos religiosos. Trata-se de um dia festivo e assim deveria ser vivido — não fora o paganismo que resiste e retoma continuamente, recusando ser evangelizado, e leva multidões entristecidas aos cemitérios, fazendo deste um dia de mortos e não de vivos. Este facto, não sendo de agora, tem-se tomado cada vez mais evidente, mercê da inevitável secularização da nossa cultura e do consequente obscurecimento da fé na vida eterna, do abandono apressado da fé por parte de muitos «católicos não-praticantes» e da revivescência de formas de religiosidade pagã — e também mercê de uma Igreja que, durante muito tempo, alimentou esta confusão na sua prática pastoral, celebrando os santos com sermões de fazer «tremar» os mortos, quanto mais os vivos. Ora, é precisamente de vivos que se trata: os santos estão verdadeiramente vivos, porque vivos para Deus e em Deus e, portanto, definitivamente vivos. O seu testemunho é essencialmente esse: viver vale a pena, vale mesmo todas as “penas” pelas quais possamos passar, se vivermos amando, pois só assim a vida se eterniza no Amor que Deus é — e se torna vida em plenitude. Não é, portanto, descabido insistir na alegria como característica essencial da Solenidade de Todos os Santos. Afinal, Deus «não é um Deus de mortos mas de vivos, porque para Ele todos estão vivos» (Lucas 20, 38) — de modo particular, os santos.

2. Fortalecidos na entrega a Deus e ao próximo

Os santos são o mais belo testemunho humano do poder do amor.



E, no dizer do Apocalipse, são «uma multidão que ninguém pode contar» (cf. 7, 9). Santos escondidos, quase todos, conhecidos apenas dos poucos que com eles conviveram. Santos reconhecidos pela Igreja — mártires, confessores, homens e mulheres, pais e mães, crianças... — e apresentados a todos como exemplo de vida cristã, ou seja, de vida levada no amor e por amor, mesmo no meio das maiores dificuldades. Diante de tal multidão, quando pensamos a sério no seu significado, é difícil não sentir algo ao jeito daquilo que experimentava Santo Inácio de Loiola, antes da sua conversão, convalescendo dos ferimentos sofridos em combate e lendo a vida dos santos: «Se eles fizeram isto, porque não eu? Se eles, pecadores como eu, se deixaram vencer pelo Amor e viveram amando, porque não eu?» O exemplo dos santos é um estímulo. Olhando-os, ou nos deixamos ficar na mediocridade de quem não se arrisca a enfrentar o próprio egoísmo, ou, fortalecidos pelo seu exemplo, nos deixamos surpreender pelo Amor e vivemos sempre mais intensamente a nossa doação a Deus e ao próximo. Na verdade, como lembrou Jesus (Marcos 12, 28-34), uma não vai sem a outra, o amor a Deus não se entende sem o amor ao próximo concreto, aquele que vive conosco cada dia; e o amor ao próximo só é verdadeiramente possível se nele nos deixarmos surpreender pela presença de Deus. Na verdade, ou o próximo, a quem amo, é maior do que eu, e me leva a sair de mim, despojando-me, para o acolher, ou então não faço mais do que amar-me nele — suprema forma de egoísmo. Mas para que o próximo seja maior do que eu, preciso de reconhecer nele uma Presença que nos ultrapassa, a ele e a mim: Deus. E por isso que o «amor» do próximo sem Deus nunca vai muito longe e é sempre condicionado. Os diversos materialismos ateus estão aí para o testemunhar.

3. O serviço como missão

A multidão incontável de que fala o Apocalipse é constituída por gente «de todas as tribos, povos e nações». No entanto, toda esta



gente canta o nome de um só: Jesus Cristo. Ele é a razão de ser dos santos — estes são-no porque viveram no seguimento de Cristo, acolheram o seu Evangelho e deixaram-se converter por Ele. Esta atitude nova perante a vida e, sobretudo, perante os nossos próximos é a imagem de marca do cristão — muitas vezes atraçoada, mas nunca desmentida. Os santos não «inventaram» nada, simplesmente deram-se ao seguimento de Cristo, segundo a originalidade humana de cada um. E, neste seguimento, entenderam aquele «o Filho do Homem não veio para ser servido mas para servir e dar a vida em resgate pela multidão» (Marcos 10, 45). Cada cristão encontra-se perante esta alternativa: ser servido (desejar ser servido) ou servir (desejar servir). Da sua opção depende não só o presente mas também o futuro, de modo particular, a entrada na plenitude da vida. Poderá chegar diante de Deus apenas com o desejo, mas é preciso que seja o desejo de servir — pois não se deseja servir e dar a vida impunemente; mais tarde ou mais cedo, este desejo há de rebentar as amarras do egoísmo, levando a vida a converter-se em doação — muito ou pouco, isso não compete a ninguém julgar, nem ao próprio. Deus providenciará.

“Diz algures o Renan que na procissão da humanidade o filósofo é que vai à frente e depois o homem de ação. Eu não penso assim, e mais sou filósofo e parece-me que Renan peca, como tanta boa gente (é uma doença do século) por aquilo a que o Lange chamou o excesso do princípio da inteligência. Quem vai na frente é o Santo, filósofo a seu modo, como os que o são, e homem de ação por excelência; por isso é que a sua ação é toda no sentido do bem.”

(Antero de Quental, Cartas)





A igreja somos todos nós

O Papa Francisco diz que a força e testemunho dos católicos ultrapassa os limites da «fragilidade» humana.

O Papa Francisco elogiou numa audiência no Vaticano o testemunho de fé e de amor dos católicos em todo o mundo, pedindo que a Igreja esteja sempre “próxima” de quem sofre.

“Através da sua realidade visível, de tudo o que se vê, os sacramentos e o testemunho de todos nós cristãos, a Igreja é chamada todos os dias a estar próxima de cada homem, a começar por quem é pobre, por quem sofre e por quem é marginalizado, a fim de continuar a fazer sentir sobre todos o olhar compassivo e misericordioso de Jesus”, disse, durante a catequese que proferiu nessa audiência pública semanal.

Perante dezenas de milhares de pessoas reunidas na Praça de São Pedro, Francisco sublinhou que a referência à Igreja inclui uma “realidade visível” que não passa apenas pelo Papa, os bispos, os padres e as pessoas consagradas, mas por “tantos irmãos e irmãs batizados que no mundo acreditam, esperam e amam”.



“A Igreja são todos, todos. Todos nós. Todos os batizados somos a Igreja, a Igreja de Jesus, de todos os que seguem o Senhor Jesus e que em seu nome se fazem próximos dos últimos e dos que sofrem, procurando oferecer-lhes alívio, conforto e paz”, acrescentou.

Nesse contexto, o Papa observou que mesmo esta realidade “visível” da Igreja não se pode medir ou conhecer “em toda a sua plenitude”, porque é uma “realidade misteriosa, que vem de Deus”.

O Papa Francisco apresentou Jesus, com as suas naturezas humana e divina, como modelo para a Igreja, com uma realidade visível e outra espiritual.

“Como Cristo se serviu da sua humanidade para anunciar e realizar o desígnio divino de redenção e de salvação, assim deve ser também para a Igreja”, explicou.

A intervenção recordou que a Igreja Católica tem a experiência das “fragilidades” e “limites” dos seus membros, porque todos são “pecadores”. “Esta fragilidade, estes limites, estes nossos pecados, é bom que provoquem em nós um profundo desgosto, sobretudo quando damos maus exemplos e começamos a tornar-nos motivo de escândalo”, advertiu.

O Papa Francisco pediu, ainda, a oração pelo “dom da fé” para que os membros da Igreja compreendam que, apesar da sua fragilidade, são “instrumento da graça e sinal visível do amor do Senhor por toda a humanidade”.

E terminou dizendo: “agradeçamos ao Senhor por todos os homens e mulheres que, nas diversas circunstâncias históricas, souberam colaborar com a graça divina e tiveram a coragem de dar testemunho da fé, da esperança e da caridade na vida quotidiana. Aprendamos com eles como tornar-nos santos no nosso tempo”.

***Não pode ter Deus por Pai quem não tem a Igreja como Mãe.
(...) Quem recolhe fora da Igreja, dispersa a Igreja de Cristo. (...)
Não pode possuir a veste de Cristo quem rasga e divide a Igreja de Cristo.***

(S. Cipriano, Sobre a Unidade da Igreja Católica)





DEZ CONSELHOS DO PAPA FRANCISCO PARA ALCANÇAR A FELICIDADE

Numa entrevista à “*Viva*”, a revista dominical do diário argentino “*Clarín*”, o Papa Francisco deu dez dicas para se ser feliz. O decálogo da felicidade do Papa já faz furor na Internet. Aqui estão as dicas, explicadas pelo próprio Francisco.

1 — VIVE E DEIXA VIVER

“Aqui os romanos teem um ditado e podemos levá-lo em linha de conta para explicar a fórmula que diz: ‘Vá em frente e deixe as pessoas ir junto’.” Viver e deixar viver é o primeiro passo de paz e felicidade.



2 — DAR-SE AOS OUTROS

“Se alguém estagna, corre o risco de ser egoísta. E água estagnada é a primeira a ser corrompida.”

3 — MOVE-TE “REMANSADAMENTE”

“No [romance] *‘Don Segundo Sombra’* há uma coisa muito linda, de alguém que relê a sua vida. Diz que em jovem era uma corrente rochosa que levava tudo à frente; em adulto era um rio que andava para a frente e que na velhice se sentia em movimento, mas remansado. Eu utilizaria esta imagem do poeta e romancista Ricardo Güiraldes, este último adjetivo, remansado. A capacidade de se mover com benevolência e humildade, o remanso da vida. Os anciãos têm essa sabedoria, são a memória de um povo. E um povo que não se importa com os mais velhos não tem futuro.”

4 — BRINCAR COM AS CRIANÇAS

“O consumismo levou-nos a essa ansiedade de perder a sã cultura do ócio, desfrutar a leitura, a arte e os jogos com as crianças. Agora confesso pouco, mas em Buenos Aires confessava muito e quando via uma mãe jovem perguntava: Quantos filhos tens? Brincas com os teus filhos? E era uma pergunta que não se esperava, mas eu dizia que brincar com as crianças é a chave, é uma cultura sã. É difícil, os pais vão trabalhar e voltam às vezes quando os filhos já dormem. É difícil, mas há que fazê-lo”.

5 — PARTILHAR OS DOMINGOS COM A FAMÍLIA

“No outro dia, em Campobasso, fui a uma reunião entre o mundo universitário e o mundo trabalhador, todos reclamavam que o domingo não era para laborar. O domingo é para a família”.



6 — AJUDAR OS JOVENS A CONSEGUIR UM EMPREGO DIGNO

“Temos de ser criativos com esta franja. Se faltam oportunidades, caem na droga. E é muito elevado o índice de suicídios entre os jovens sem trabalho. No outro dia li, mas não me fio porque não é um dado científico, que havia 75 milhões de jovens abaixo dos 25 anos desocupados. Não chega dar-lhes de comer, há que inventar cursos de um ano de canalizador, eletricista, costureiro. A dignidade de levar o pão para casa”.

7 — CUIDAR DA NATUREZA

“Há que cuidar da criação e não o estamos a fazer. É um dos desafios maiores que temos.”

8 — ESQUECER-SE RAPIDAMENTE DO NEGATIVO

“A necessidade de falar mal de alguém indica uma baixa autoestima. É como dizer ‘sinto-me tão em baixo que em vez de subir, baixo o outro’. Esquecer-se rapidamente do negativo é muito mais saudável”.

9 — RESPEITAR QUEM PENSA DE MANEIRA DIFERENTE

“Podemos inquietar o outro com o testemunho para que ambos progridam com essa comunicação, mas a pior coisa que se pode fazer é o proselitismo religioso, que paralisa: ‘Eu dialogo contigo para te convencer’. Não. Cada um dialoga sobre a sua identidade. A Igreja cresce por atração, não por proselitismo”.

10 — PROCURAR ATIVAMENTE A PAZ

“Estamos a viver uma época de muita guerra. Em África parecem guerras tribais, mas são algo mais. A guerra destrói. E o clamor pela paz é preciso ser gritado. A paz, às vezes, dá a ideia de quietude, mas nunca é quietude, é sempre uma paz activa”.



AVISO

Pedimos a todos os amigos e benfeitores que enviem toda a correspondência relacionada com a Causa de Canonização do Padre Cruz APENAS PARA a seguinte morada:
Apartado 2661
1117-001 LISBOA





Agradecem as graças alcançadas por intercessão do *Santo Padre Cruz* e, em sinal de gratidão, contribuíram para a Causa de Canonização do Servo de Deus.

Em janeiro deste ano abriu-se na minha perna direita uma variz interior devido à má circulação que tenho. Depois de andar na Caixa a tratar-me e ir a outro posto, particular, não via melhoras como eu desejava. Após 4 meses de cansaço e sofrimento, lembrei-me de pedir ao meu querido *Santinho Padre Cruz* de quem sou muito devota e prometi divulgar esta graça.

Comecei a fazer a novena e pedi-lhe que intercedesse por mim junto de Jesus, para me curar. No dia 4 de julho a minha ferida fechou graças a Deus e ao meu *Santinho Padre Cruz*. Bem haja.

Noémia (Lisboa);

Venho agradecer ao *Santo Padre Cruz* as graças que me tem concedido junto de Deus.

Tinha muitas hemorragias do nariz, em que perdia muito sangue. Comecei uma novena e tive a graça de nunca mais deitar sangue.

Comecei também outra novena ao *Santo Padre Cruz* para que namorada do meu neto arranjasse emprego e graças a deus, por intermédio do *Santo Padre Cruz*, já tem emprego.

Maria Emília Cabral (Lisboa);

Venho agradecer todas as graças que Deus me tem concedido através do *Santinho Padre Cruz*, em especial por a operação que tive de fazer à vesícula ter corrido bem e não acusar nada de mal e por os exames do meu marido e meus não terem nada de grave, o que muito agradeço a Deus e ao *Santinho Padre Cruz*.



Peço ao *Santinho* Padre Cruz que me ajude e nunca me desampare. O meu muito obrigada.

Aida Francisco (Lisboa);

Agradeço ao Padre Cruz a graça que me concedeu em encontrar emprego para o meu filho, que esteve no desemprego durante dois anos.

Ao longo deste tempo nunca perdi a esperança e todos os dias pedia ao Padre Cruz que lhe deparasse um emprego compatível com as suas habilitações, e aconteceu.

Foi mais uma graça a juntar a muitas mais que já me concedeu. Ele é o meu protetor de todos os dias e da minha família.

Obrigado Padre Cruz.

Maria Vintém (Amadora);

Venho agradecer ao Padre Cruz que sempre me tem ajudado nas minhas aflições, nos meus problemas de saúde e de toda a minha família. Obrigada *Santo* Padre Cruz.

Maria (Califórnia, EUA)

Obrigada, Bondoso Padre Cruz por tantas graças recebidas.

A última graça foi a minha filha estar muito mal dos intestinos. Fez o exame e graças a Deus e ao Bondoso Padre Cruz tudo está bem. Fiz a novena e fui atendida, obrigada.

Conceição Almeida (Amadora);

Fui ao médico, o qual me mandou fazer uma mamografia. Quando fui fazer a mesma, acusou um carcinoma, o que me deixou em pânico, pois os médicos assustaram-me muito.

Agarrei-me com muita fé ao *Santo* Padre Cruz e tudo correu muito bem, vindo agora publicar a graça que muito agradeço.

Maria Margarida Casimiro (Ermesinde);



Agradeço graças alcançadas por intermédio do *Santo Padre Cruz*.

Obrigada por tudo quanto me faz e me atende, ouvindo todos os meus pedidos.

Maria Céu Pinto (Gouveia);

Venho agradecer uma graça alcançada quando eu e a minha irmã fizemos uma novena pedindo a colocação de uma sobrinha e marido, que estavam desempregados.

Também por uma amiga que tinha à venda uma casa e não conseguia comprador e outras graças concedidas por Deus, por intermédio do nosso querido *Santo Padre Cruz*.

Fernanda Janeiro (Lisboa);

Graças a Deus e ao Padre Cruz ultimamente as graças recebidas são tantas, entre elas a minha saúde, que estou um bocadinho melhor. O meu filho mais novo ficou colocado numa escola melhor que o ano passado e outras tantas graças do Padre Cruz.

Obrigada Padre Cruz por tudo o que me tem dado na vida e que eu vos tenho pedido.

Maria Alice (Coimbra);

Vendo o meu neto desmotivado e com dificuldade em concluir o curso que frequentava na Faculdade, mais uma vez recorri ao *Santo Padre Cruz* pedindo-lhe que o ajudasse e intercedesse por ele junto de Deus e eu entretanto ia fazendo novenas.

Finalmente ele conseguiu fazer as nove cadeiras que lhe faltavam e que considerava não ser capaz e assim acabar o curso.

Esta grande graça é sem dúvida nenhuma atribuída ao *Santo Padre Cruz* e por conseguinte eis-me a manifestar a minha gratidão conforme prometi.

Fernanda Caiado da Silva (Castelo Branco);



Agradeço ao meu Bom Amigo, *Santo Padre Cruz* ter sido atendida numa graça que lhe pedi.

Uma criança estava para ser operada à cabeça e pedi para que a operação corresse bem e felizmente a criança está bem.

Agradeço também outras graças.

Leonília Sequeira Ferreira (Santarém);

Obrigada *Santo Padre Cruz* por todas as graças que me concedeste! Tudo correu bem, uma vez mais obrigada.

Gabriela;

Venho por este meio agradecer as graças concedidas a mim e à minha família, por intercessão do meu querido Padre Cruz.

Alice Nunes (Napa, EUA);

Agradeço graça recebida por intercessão do *Santo Padre Cruz* junto de Deus. Era situação grave e muito dolorosa.

(...) agradecendo ao *Santo Padre Cruz* por tudo que tem feito por nós, nesta terra suja de muitas convulsões.

Família de Bernardino Augusto de Oliveira (Porto);

Venho agradecer a Deus as graças alcançadas através do seu discípulo Padre Francisco da Cruz.

Dia 29 de agosto de 2014 ia ver uma pessoa e ao atravessar na passadeira com o sinal aberto para mim, estava pondo o pé já no passeio, quando o sinal abriu. Um táxi arrancou logo e derrubou-me, querendo continuar, mas o Reverendíssimo Padre Cruz não deixou que me matasse.

Prudência da Graça Almeida (Lisboa);

Obrigada, *Santo Padre Cruz* pela graça que me concedestes, por a minha nora ter conseguido alugar a casa. Obrigada por tudo.

(Joaquina, Lisboa).





DERAM ESMOLA

e

AGRADECEM GRAÇAS

José Mira (Hartford, EUA); Lourdes Melo (Calgary, Canadá); Ana Rosa de Sá (Porto); Maria Fátima Martins (Oeiras); Maria Custódia Soares; Fernando Figueiredo Tavares; Carlos Alberto Cautela Neves (Meda); M. Lopes (Coimbra); Iria Sousa Toste (Vila de São Sebastião); Joaquina Arminda Correia Peixoto (Barcelinhos); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Fátima Pinto Cerqueira (Ponte da Barca); Maria Cidalina Santos (Águeda); Teresa Sacchetti (Attleboro, EUA); Maria Manuela Sousa (Lisboa); Maria Teresa Teixeira (Olival Basto); Adelina Ana Barbosa (Calheta, Açores); Maria Adelaide Fer-

reira (Peso da Régua); Maria de Deus Lima Brum (Vila Franca do Campo, Açores); Maria Alice Fonseca (Gondomar); Júlio Almeida Silva (São João da Talha); Maria Carolina Lopes da Silva (Lisboa); Leonília Sequeira Ferreira (Santarém); Maria da Conceição Vasconcelos Basto Gomes (Ermesinde); Clementina Tavares Silva Freitas (Lever); Maria Manuela Silva; Fátima Maria Costa Barbosa Vaz Matos (Pombal); Iria Sousa Toste (Vila de São Sebastião, Açores); António Alberto dos Santos (Castelo Branco); Maria Salomé Leal (Vila Nova de Cerveira); Maria Loureira (Matosinhos); Gabriela; Maria



Alice Remédios; Maria Manuela Gambão Soares (Urzelina, Açores); Maria Margarida Arruda (Manitouwadge, Canadá); Alexandre Roque (Portalegre); Luzia Palma Braz Martins (Óbidos); Ondina Alice Vera-Cruz Lima (São Vicente, Cabo Verde); Maria Luisa Almeida Branco (Albergaria-a-Velha); Alice Nunes (Napa, EUA); Arnalda Maria L. S. Veiga Dias (Montijo); Mário Andrade (Rio Tinto); Branca e José Gomes (Matosinhos); Isaura Carralo Abrantes (Campo Maior); Luisa Monteiro Rebelo (Rosmaninhal); Maria Cidalina Santos (Águeda); Bernardino Augusto de Oliveira e Família (Porto); Maria Manuela Sousa (Lisboa); Maria Lopes Matias da Costa (Tavira); Leontina Monteiro Cabral (Porto); Aida Pereira (Lisboa); Maria Amália Canotilho (Guarda); Maria Madalena Coelho da Silva e Sousa Guimarães (Belas); Natércia Conceição Lourenço Rilhado (Lamego); Olga Paz Colaço Nunes (Castro Marim); Maria Glória Paiva (Calgary, Canadá); Fernanda Aguiar (Longueuil, Canadá); Maria Manuela Reis Costa (Lisboa); Perpétua Jesus Geraldo Baptista (Cacém); Rosalina Almeida (Vila Nova de Gaia); Maria Madalena e Maria Luisa Amaral (Lisboa); Francisco Santos (Linda-a-Velha); Silvina Santos (Odivelas); Maria Oliveira (Lisboa); Rosa Maria dos Santos Mendes Silva (Mem Martins); António Forte (Escudeiros); Maria Odete Cabral (Lisboa); Prudência da Graça Almeida (Lisboa); Maria Fernanda Ferreira Calado (Avelar); Ana Venâncio Figueira, Margarida Careto Lagarto Lopes, Ilda Augusta da Silva Aleixo e Elsa Margarida Bigares M. Romão (Arronches); Anabela Paiva Alves (Águas de Cima); Maria Isolina Amorim Ribeiro Neto (Aveiro); Maria Judite Cruz Silva Cabecinhas (Paço de Arcos); Maria Glória Paiva (Calgary, Canadá); Maria Leonor Gomes (Lisboa); Maria Augusta Barroso (Alijó); Júlio Maria Vieira Queirós (Porto); Clara Dias da Silva e Virgínia Celeste Gonçalves Alves (Porto); Olga Morais Antunes (Lisboa); Maria Efigénia S. Castro



(Ermesinde); M. Lopes (Coimbra); Isabel Alves (Almada); Lúcia de Fátima Leonardo Toste, Maria da Encarnação, Violina Nunes Borges, Mercês Silva Laranjeira, Elvira Borges Godinho, Hermínia Gonçalves Rocha e Maria Antonieta Guilherme (Angra do Heroísmo, Açores); Francisca Rego (Lis-towel, Canadá); José Calazans Duarte (Marinha Grande); Maria Helena D. Mota Gonçalves (Porto); Maria Morais Agostinho (Peso); Maria Rosário Soares (Porto Santo, Madeira); Armando Victor Soares (Urzelina, Açores); Maria Conceição Ribeiro Freire (Vide); Rosa Lopes Vintena (Barcelos); Maria Esmeralda Silva (Gondomar); Anabela Assis Ferreira Chaves (Angra do Heroísmo, Açores); Ramón López Freire (Pontevedra, Espanha); Idalina Vilas Boas; Maria Luisa Feital (Caneças); Maria Arminda Vagos Franco (Coimbra); Juvenália Alves (Barreiro); Emília Estanque (Póvoa de Santa Iria); Maria Albina Carvalho (Portela); Inês da Conceição Pinto Cordeiro (Bemposta); Maria Luz Pinto Basto Santos Neves (Porto); Maria Filomena Mendes Seíça Santos (Coimbra); Teolinda Maria Moura Fernandes (Corroios); Maria Amélia Feliz dos Santos (Almada); Rosa Jesus Gameiro André (Corroios); Manuel Araújo Amorim (Alcá-bideche); Maria Virgínia Freitas (Maia); Amália De Jesus Pestana Figueira (Elvas); Jesuína M. Soeiro Gomes Lopes (Vila Franca de Xira); Maria Isabel Jesus (Funchal, Madeira); Maria Arménia Rodrigues Oliveira Agria (Coimbra); Maria Manuela F. Roque Sousa (Lisboa); Francisca Flores Oliveira (Urzelina, Açores); Maria Alice Martins Lima Vieira André (Alcobaça); Maria Luisa de Almeida e Melo (Gafanha da Nazaré); Maria Marília Dias Salgueiro (São Pedro do Sul); Carolina Marques Pinto Gomes (Porto); Emília da Conceição F. Pereira (Riachos); Linda Rosa Nunes Rocha da Silva Couto (Penafiel); Maria José Ribeiro Mendes (Castelo Branco); Marília dos Santos Nunes Pereira (Porto); António Matos Rolo (Gavião).





Campanha de Missas pela Beatificação do Padre Cruz

Rosa Salgueiro Pinto (Castro Marim); Vera Lúcia (Nelas); Aida Francisco (Lisboa); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Paula Brito Serodio (Porto); Maria Helena Lages Costa (Braga); Eva Santos (Petaluma, EUA); Manuel Duarte Lopes Moedas (Ribeirão); Carlos Alberto Neves (Meda); Maria Custódia Soares (Corroios); Aurora Anjos Fernandes (Porto); Anabela Monteiro Oliveira e família (Sintra); António Xavier Forte (Lisboa); Maria Alzira da Costa Moutinho (Maia); Maria Helena R. Lages Costa (Braga); Maria Conceição de Ponte (Câmara de Lobos, Madeira); Beatriz Fátima Morais (Coimbra); Maria Rosário Jesus (Amadora); Maria Inês M. Matos (Barcelos); Ester Tourais Fernandes (Vilar Formoso); Maria Céu Pinto (Gouveia); Fernanda Caiado da Silva (Castelo Branco); José Mira (Hartford, EUA); Alcinda Deveza Queiroga (Apúlia); Maria Jacinta Alves Esteves (Vila Real); Carlos Alberto Neves (Meda); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Fátima Pinto Cerqueira (Ponte da Barca); Maria Teresa Teixeira (Olival Basto); Maria de Deus Lima Brum (Vila Franca do Campo, Açores); Maria Carolina Lopes da Silva (Lisboa); Arnalda Maria L. S. Veiga Dias (Montijo); Prudência da Graça Almeida (Lisboa); António Forte (Escudeiros); Maria Odete Cabral (Lisboa); Elvira Borges Godinho (Angra do Heroísmo, Açores).



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

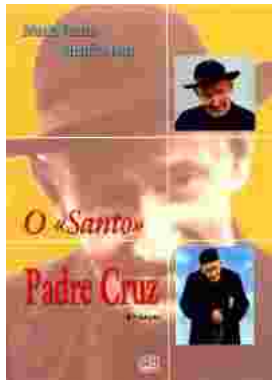
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredito. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Diretor do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:	30-12-1971



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

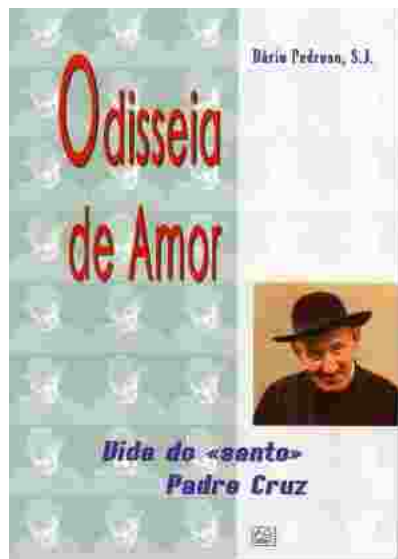
ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA TRIMESTRAL

Proprietário: Província Portuguesa da Companhia de Jesus
Estrada da Torre, 26 1750-296 Lisboa

Diretor: P. António Reis S.J.
Sede da Redação: Rua da Madalena, 179 R/C
Apartado 2661
1117-001 LISBOA

Telef.: 218 860 921
Site: <http://www.padrecruz.org>
e-mail: causapadrecruz@padrecruz.org

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Tiragem: 2.000 exemplares
Registo: I.C.S. 102106 - Depósito Legal: 17.244188

Pedidos: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. - Largo das Teresinhas, nº5, 4714-504 BRAGA.
Deve enviar com o seu pedido, cheque ou vale postal.